

A PRESENÇA DAS FAMÍLIAS NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL NOVO HORIZONTE E AS RELAÇÕES CONSTITUÍDAS ENTRE AS MESMAS

Maria Graziela Siqueira¹

Elaine Weber Skrsypcsak²

Resumo: O presente trabalho busca compreender a relação família e escola, usando como norte a Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Horizonte, destacando como base inicial para a pesquisa a problemática de que nos dias atuais, de que forma a família está presente na escola e quais funções se atribuem a escola e família. Como objetivo geral, busca-se compreender de que forma os pais do educandário dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental se fazem presentes na Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Horizonte, além de conhecer os papéis da família e da escola neste processo. Justificando a importância da temática conhecer mais sobre a mesma que amplia o contexto social, o projeto foi efetivado através de entrevistas com famílias da escola em estudo e com questionários com professores atuantes da mesma. A relação família e escola ainda tem uma longa trajetória para chegar na almejada relação entre ambas.

Palavras-chaves: Família; Escola; Relações; União; Histórico.

1 O PROCESSO HISTÓRICO SOCIAL DA CRIANÇA E DA FAMÍLIA

A construção da infância tende a incumbências que perpassam classes sociais, constroem novos olhares e possibilitam novas referências. Sendo assim, a criança vem se constituindo e buscando encontrar seu espaço. Deste mesmo modo a família vem evoluindo e adaptando-se às mudanças sociais.

Áriès (1978) aponta que, desde o início do período medieval, a família sempre teve grande importância na formação da criança, onde começou a construção rasa de laços afetivos, tendo forte influência sobre a mesma. Assim entende-se que é a família a principal instituição da sociedade, considerando esta por sua vez o marco principal. Neste sentido, Áriès (1976) relata que a infância, até o século XII, época medieval, era desconhecida ou não representada,

¹ Acadêmica do 8^a semestre do curso de Pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga. E-mail: grazisiqueira18@hotmail.com

² Professora orientadora da disciplina estágio supervisionado V - Espaços Não Escolares do curso de Pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga. E-mail: Elainewa2@hotmail.com

sendo assim, logo que a criança pudesse se desvincular da mãe ou ama já era denominada pela sociedade como adulta.

Na Inglaterra Medieval, os ingleses não demonstravam afeição pelas crianças, sendo comum conservá-las em casa até a idade de sete ou nove anos. Depois disso, eles as colocavam em lares de outras pessoas para fazerem o serviço pesado permanecendo até quatorze ou dezoito anos de idade. Então eram denominados aprendizes. Estes aprendizes eram incentivados a evoluir o corpo, aguçar os sentidos e criar diferentes habilidades. (ÁRIÈS, 1978)

O autor acima citado ainda preconiza que no século XIII iniciou-se a percepção de infância, onde surgiram três representações denominando crianças, o que provinha de bases e pressupostos da transição para a evolução da infância. A primeira imagem vinculada à construção da infância foi denominada anjo, representada por uma criança entre 6 a 8 anos aproximadamente, esta imagem por sua vez teve papel significativo no século XIV. O anjo era visto como gracioso, perseverou até o século XV. (ÁRIÈS, 1978) A segunda, por sua vez, trouxe o menino Jesus ou Nossa Senhora menina ligando-os ao ancestral das crianças. Jesus era retratado no início como as demais crianças, um adulto em miniatura. O terceiro tipo, apareceu na fase gótica, onde a criança era retratada nua.

Neste mesmo contexto Priore (1996) ressalta que no século XV mais duas representações de infância foram encontradas, sendo elas denominadas o retrato e o *putto*. Mesmo se fazendo presente na Idade Média, a criança nunca era modelo de retrato real, buscando realmente verdadeira semelhança. Em primeiro momento a criança foi retratada em cima de túmulos de seus professores O *putto* representava a criança nua.

No século XVI teve o surgimento do retrato da criança morta o que marcou muito em relação aos sentimentos, passando a mostrar que a criança havia deixado de ser considerada uma perda inevitável. Estes eram retratados nos túmulos de seus pais. Houve grande evolução do *putto* que é a criança representada nua, que aparecia muito em pinturas religiosas, onde passaram a florescer os sentimentos pelas crianças. (ÁRIÈS, 1978)

O mesmo autor ainda afirma que nos séculos XVI e XVII um traje especial foi feito para as crianças o que os distinguiu dos adultos, essa evolução da criança foi sendo constituída e passou-se então a se apropriar de sentimentos em relação às denominadas criancinhas. Assim, como descreve Ariès (1978, p.100) “um novo sentimento da infância havia surgido, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de paparicação.” Refletindo a escrita do autor é perceptível que surge então um processo de iniciação da valorização da criança.

Os Jesuítas também tiveram papel importante neste processo, pois se incumbiram da educação das crianças, configurando modelos ideológicos sobre a mesma. Esta caminhada trouxe a valorização da criança. Os jesuítas trouxeram a catequese, buscando interesses da igreja e da colonização. Assim, Priore (1996, p. 15) destaca que “a infância é percebida como momento oportuno para a catequese porque é também momento de união, iluminação e revelação”.

Entretanto, a partir do século XIX e XX as mudanças em relação à família e à criança ficaram mais fortes, de modo que a família passou a dar mais importância à criança, deixando a mesma sair do anonimato e finalmente construir o seu próprio valor, o que até então vinha se lutando para que acontecesse. Priore (1996) traz que tanto a infância quanto a família tem uma trajetória social e cultural, estas por sua vez tendem a passar por mudanças, bem como podem sofrer transformações. A família, por sua vez, no decorrer dos anos, vem tendo papel importante na formação da criança.

A entrada da mulher no mercado de trabalho trouxe muitas mudanças, passando a além de educar os filhos assumir outros ofícios na sociedade, baseando-se nos escritos de Áriès (1978), que ainda ressalta que o aumento de separações conjugais que começaram a ocorrer mais frequentemente na década de 60 também começou a impor nova formulação de família. Ao passar por diversas mudanças a família teve de adequar-se às mudanças sociais e econômicas.

O mesmo autor ainda descreve que no período da revolução industrial a criança passou a constituir valores, bem como houve uma forte diminuição da mortalidade infantil, o que foi visto como um ponto muito positivo na época. A inserção do trabalho infantil na revolução industrial foi visto de várias formas, podendo-se denominar o mesmo positivo e negativo, criando um comparativo com a visão da infância antes da revolução industrial.

Pensar a trajetória familiar e infantil permite conhecer que diferentes pressupostos influenciaram nesse contexto, de forma que a partir do século XIII quando a infância começou a ser reconhecida, a família passou a ter um olhar diferenciado. Partindo deste momento onde a criança começa a ser reconhecida, transparece a importância da família nesta construção que vem sendo feita desde os primórdios.

2 FAMÍLIA E ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE CONSTRUINDO RELAÇÕES

A evolução da infância se deve a transformações socioculturais, o que hoje propicia uma realidade diferenciada, havendo grande preocupação para que a criança seja inserida no meio social com respeito a sua fase de desenvolvimento, bem como amparo legal e educacional.

Neste contexto histórico que ocorreu sobre a construção da infância, sendo que antes a mesma era considerada um adulto em miniatura, hoje ela passa a ter vez e voz, assim como a autora reflete acima a criança passa a opinar e valer-se perante o meio social, o que não acontecia nos primórdios e em outras épocas era objeto fora de questão.

Dentro deste reconhecimento da infância se incluem fatores sociais que abrangem direitos às crianças, bem como deveres. A escola vem buscando evoluir e compreender seus alunos, implicando na busca permanente da mudança. A família por sua vez, fica incumbida de construir sentimentos, trabalhar o afeto, o amor, o carinho, neste sentido também cabe à família educar, transmitir valores, cultura e oferecer às crianças contato com a vida social, construindo assim relações. A construção da cultura social para a criança é de suma importância, pois este processo incumbe-se de incluir a mesma na sociedade. A família também fica destinada a construir relações da criança com outros seres humanos, partindo do princípio da família e estendendo-se a comunidade em geral. (CURY, 2003)

Tiba (2002, p.181) comenta que “a escola sozinha não é responsável pela formação da personalidade, mas tem papel complementar ao da família [...]”. Seguindo esta linha de pensamento fica visível a importância de ambas para fins de complementarem a educação da criança, de modo que a escola e a família tem papéis diferenciados que se entrelaçam. Escola e família nos seus diferentes papéis podem incumbir-se e completar-se de modo que sejam imprescindíveis e necessárias para busca por educação de qualidade.

A família é responsável pelos primeiros princípios básicos da educação da criança, bem como a escola fundamenta e complementa estes, sendo responsável pela construção de ensinamentos. A escola busca construir conhecimentos, bem como desenvolver diferentes aprendizagens na criança, mas não supre e nem substitui a função dos pais, deste modo os mesmos não podem se isentar de suas funções, assim concordo com Zagury (2005, p. 36) quando afirma que “é certo que a escola é uma instituição que muito irá colaborar com os pais nesse sentido, mas nunca poderá substituir.”

Cury (2003) em suas falas explana que escola e família têm diferentes ideais na formação da criança e como a família base norteadora precisa buscar construir um diálogo com a escola nos dias atuais. Mesmo com o cotidiano de trabalho na vida das pessoas, é necessário

dar-se um tempo para perceber e participar da vida escolar das crianças, buscando adaptarem-se as mudanças e ao curto tempo. A família também incumbe-se de construir conceitos e valores para as crianças, as quais vão ter convivência no meio social onde se fazem presentes.

Existem atritos entre família e escola, onde ambas se atribuem de diferentes papéis, que por vezes tendem a discutir e descumprir os mesmos. A família denomina que a escola deve educar, já a escola afirma que é dever dos pais educar e a escola vem como um complemento e ensina, acreditando que as crianças devem construir valores no convívio familiar. Conforme Cury (2003) família e escola vivem uma crise em que os valores tendem a definir as relações.

Tiba (2002) acrescenta que esse respeito com o professor só acontece quando em uma questão até mesmo cultural, vier sendo trabalhada desde a família, onde demonstra a importância do professor e que este deve ser respeitado e ouvido. Se a família não constrói essa base, dificilmente o aluno por si só construirá esta relação de respeito com o professor e com a própria família. Torna-se visível a necessidade de união entre escola e família, ainda mais em um mundo de competitividade e tempo cronometrado, em que as pessoas veem-se reféns de si mesmas e do sistema.

Atendo-se aos fatos da atualidade percebemos que a cada dia o contato e o diálogo vêm se tornando escasso entre as pessoas, sendo que para a criança são fatores importantíssimos ao seu crescimento pessoal. Estes novos tempos necessitam da união entre família e escola, onde juntos poderão transcrever uma nova história, possibilitando novos olhares acerca da educação, de modo que se faça com magia e empenho, para fins de encantar os alunos para o aprender, tendo escola e família sempre auxiliando a outra, sendo este auxílio recíproco. (Cury, 2003)

Outro fator que torna-se desafiador para a escola e família no século XXI, é o mundo tecnológico em que vivemos, onde as tecnologias tomam frente desde muito cedo na vida das crianças. As crianças já nascem cercadas pelas mais diferentes tecnologias o que pode vir a interferir no seu crescimento pessoal, se não houver limite.

Pensando no mundo contemporâneo, é necessário encantar as crianças, para assim tanto a escola quanto a família competirem com as tecnologias que vêm cheias de cores, facilidades e encantos. Mesmo ponderando-se das tecnologias, nada supre a necessidade de um abraço, o afeto e o encantamento, de aprender na relação com o outro, de errar e buscar o acerto, de não desistir, aspectos esses que com o avanço tecnológico está se perdendo nas novas gerações. Tudo é fácil de enganar e de desistir. Cury (2003, p. 34) reflete que “educar não é repetir palavras, é criar ideias, é encantar.”

O ato de construir vivências, propiciando a diversidade também é um fator importante para relação família e escola, de modo que ambos possam trabalhar juntos em prol da

construção de novos conhecimentos à criança. “As informações são arquivadas na memória, as experiências são cravadas no coração.” (Cury, 2003, p. 74)

Tiba (2011, p. 83) descreve que “o ser humano tem condições de aprender com a própria experiência.” Assim, o poder de vivenciar algo possibilita aumentar o crescimento pessoal, bem como viabiliza diferentes olhares. Referente aos fatores que vêm influenciando a educação na contemporaneidade, o desafio está cada vez maior, de modo que as mudanças ocorrem cada vez mais rápidas e o ser humano, a cada dia, torna-se mais dependente do mundo capitalista e deixa de lado as relações pessoais e interpessoais.

É crucial que escola e família consigam desenvolver os valores essenciais, como o respeito, a construção de limites, a construção cultural, entre outros, não deixando que a mídia tenha papel dominante sobre o pensamento das crianças. Cury (2003, p. 65) coloca que

Os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos.

Assim, de acordo com as ideias do autor, mesmo que as máquinas da atualidade sejam uma grande atração para as crianças, nunca substituíram a educação por seres humanos, de modo que existem lacunas que as máquinas jamais poderão suprir. Não há máquina que substitua o calor do toque.

De acordo com leituras, escola e família precisam buscar cada vez mais construir laços entre ambas, para fins de uma educação mais saudável, onde as duas entrem em consenso e possa uma auxiliar a outra. A união entre escola e família é necessária, pois assim pode ocorrer processos de ensino aprendizagem significativos e reais, de modo que o crescimento educacional venha acompanhando a evolução do contexto social e principalmente, que neste processo a família se faça envolvida direta ou indiretamente.

Zagury (2005) compreende que a família pode contribuir com a escola indiretamente, incentivando a criança a estudar, pedindo sobre o que a mesma já aprendeu, acompanhando de perto quando a mesma tem tema de casa, elogiando a mesma ao cumprir tarefas escolares.

Tiba (2011) descreve que é necessário que os professores possam conhecer a realidade familiar de seus alunos, bem como os pais fazerem-se presentes na escola para assim poderem compreender as finalidades do que lhes é ensinado. Diálogo, respeito e a construção da identidade fazem-se indispensáveis neste percurso entre escola e família. Juntas podem possibilitar aprendizagens significativas para a criança, propiciando diferentes ensinamentos e juntas alcançarem o sucesso escolar.

Tiba (1996) explana que a escola é um elo intermediário entre a família e o educando. Este elo é construído desde muito cedo, quando a criança é inserida na escola. A família não deixa de ser educadora quando a criança é inserida no meio escolar, mas sim passa a ter objetivos diferentes, como acompanhar o filho dando-lhe atenção, participando do meio escolar e fazendo parte da socialização de vivências tanto escolares quanto sociais.

Há tempo vem-se construindo o elo familiar buscando basear-se na felicidade e deixando de lado o autoritarismo, isto se deve à busca constante pelo sucesso e à felicidade no grupo familiar. Com base nestes pressupostos a educação vem a acrescentar como estratégia de vida, onde existe a necessidade da família intervir, estar presente, porém se esta intervenção não obtiver resultados positivos haverá uma grande lacuna, que poderá causar a desestruturação familiar. Reflexo disso é falta da base educacional, da família, sendo refletida nos filhos/alunos (Tiba, 2005).

Cury (2003, p. 26) remete que “nenhuma técnica psicológica funcionará se o amor não funcionar.” Desta forma a aprendizagem abordada pela família e pela escola necessita ser baseada no amor, carinho e respeito. Hoje o processo escolar vê o professor como um mediador de aprendizagens, que busca compreender as diferenças e conhecer as peculiaridades de cada um dos seus alunos.

Donatelli (2004) acrescenta que as mudanças sociais vêm transformando a educação, onde as escolas deixaram o tradicionalismo e passaram a ter novos olhares. Neste sentido a escola atualmente tornou-se um espaço do aluno, onde regras rígidas e limites severos e disciplinadores foram substituídos pelo diálogo e a troca de opiniões entre professores e alunos, buscando saberes em conjunto.

Assim, conseqüentemente, esta nova proposta de aprendizagem que vem se construindo anseia pela participação da família, para que deste modo ambas possam colaborar e construir um ensino aprendizagem que supra as necessidades da criança para se inserir no meio social. Neste mundo contemporâneo rodeado de tecnologias, encantos e desencantos escola e família são desafiadas, dia a dia, a construir aprendizagem, para assim alcançar seus objetivos e formar cidadãos responsáveis e de caráter.

3 PAIS, FILHOS E ESCOLA: CONSTRUINDO DIÁLOGO

A construção de relações entre pais, filhos e a escola propicia um grande leque de possibilidades, que trazem novas experiências, bem como oferecem novas oportunidades de conhecer diferentes aspectos sociais. De modo geral, antes mesmo do nascimento a criança já

começa a ser educada, iniciando-se através da voz dos pais, bem como após o nascimento com um acompanhamento diário dos pais a cada nova descoberta.

Mishne (1999) apresenta que é no meio familiar que são construídos os primeiros conceitos da criança, onde os pais tornam-se os primeiros professores de seus filhos, lhes transmitindo diversos saberes e valores. É nos primeiros anos que se constituem as habilidades e capacidades básicas nas crianças, as quais serão de fundamental importância em seu crescimento.

Aprende-se através da construção afetiva, de modo que as relações construídas com outros seres humanos pode vincular-se a diferentes aprendizagens, principalmente pelo fato de a criança espelhar-se nas relações interpessoais e/ou pessoais que vivência no dia a dia. Faz-se necessário o vínculo entre escola e família com fins de promover o processo de aprendizagem e crescimento integral da criança. (TIBA, 2002)

Existem contradições sobre o que é dever da família e o que se atribui a escola, de modo que o diálogo entre ambas torna-se indispensável para fins de suprir expectativas das envolvidas, buscando a contribuição para a evolução do educando.

Giacaglia, Penteadó (2002) trazem a questão de que a família tem diferentes expectativas em relação a escola e vice e versa. Mesmo que ambas as instituições tenham características distintas, estas estão diretamente ligadas, buscando suprir necessidades educacionais para se inserir no meio social. Deste modo, ambas precisam conhecer e compartilhar de suas expectativas, para fins de concretizarem seus objetivos em parceria.

É necessário que ambas busquem desenvolver um diálogo concreto e amigável de modo que possibilite maior amplitude de olhares em relação aos educando, para que assim, seja possível suprir as necessidades e lacunas do mesmo, fazendo com que família e escola se complementem.

Assim, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90) nos artigos 4º, 53º e 55º diz que:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. [...]

Art. 55. Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino. (BRASIL, Lei 8.069, 1990)

Fica explícito assim, que existem leis regulamentando o âmbito familiar e educacional, servindo como referência para fins de propor uma educação de qualidade. Também traz a importância de a família estar relacionada à escola, sendo que a família é o primeiro vínculo da criança com o meio social, tendo por dever inserir no meio escolar que colaborará e complementar o aprendizado, preparando-o para a vida em sociedade.

Cury (2003) afirma que é necessário que no âmbito familiar ocorra a construção de limites no cotidiano, onde boas maneiras façam-se presentes no dia a dia das crianças, bem como respeitar os limites. Esta construção que a família faz referente aos limites é essencial quando o aluno é inserido na escola, de forma que o mesmo tenha percepções básicas de respeito ao outro, conhecendo os limites do convívio social.

Donatelli (2004) descreve que na educação ocorreu uma grande mudança, passando da disciplina rígida e moralizadora para a liberdade voltada ao diálogo e compreensão. Tanto nas escolas quanto nas famílias fica explícito a importância do diálogo e da liberdade de expressão, estes fatores surgiram buscando qualidade de convivência social, bem como melhores condições e direitos sociais.

Zagury (2005) reflete que a importância da construção de limites é indispensável, de modo que para conviver em sociedade devemos compreender que nem sempre é possível fazer tudo o que desejamos. Ter limites é fundamental, é importante que desde o contexto familiar já se interiorize estes conceitos, passando o mesmo a escola e mais tarde a vida social.

Refletindo as falas dos autores, fica explícita a importância de estabelecer limites, bem como apresentar uma visão clara à criança, onde se tenha a possibilidade de compreender os limites e a importância, por vezes, da palavra não. Essa construção de limites é essencial para o convívio social, tendo raízes da família e concretizando-se na escola e sociedade.

Tiba (2002) relaciona escola e família, diferindo-se de qualquer outra incumbência, de modo que há diversos olhares. Essa ideia se reflete ao pensar situações comuns onde se formam padrões, que tendem a prejudicar a construção do diálogo entre escola, família e a criança. A educação é indispensável para conviver em sociedade, a mesma por sua vez se constitui em diferentes estágios constituídos na família, na escola e no convívio social. Cury (2003, p. 9) afirma que “educar é realizar a mais bela e complexa arte da inteligência. [...] Educar é semear com sabedoria e colher com paciência. [...]”

Família e escola estão ligadas, ambas buscam objetivos semelhantes, mesmo que atualmente existam lacunas, que acabam transformando padrões. Na teoria, a família deveria mediar valores e a formação, já a escola incumbir-se-ia de transmitir conhecimentos e informações, mas na prática isso não vem acontecendo. Em muitas situações a escola está

desempenhando o papel da família o que não deveria acontecer, pois filhos serão filhos para sempre e alunos são passageiros, ficam apenas algum tempo vinculados à escola.. (TIBA, 1996)

Fica clara a forte ligação da criança tanto com a família quanto com a escola, apesar de enfatizar que o laço com a família é bem mais extenso. Essas duas instituições estão envolvidas diretamente na construção de conceitos e aprendizagens para preparar ao convívio social. Deste mesmo modo também traz a questão, de que por vezes, a escola sente-se sobrecarregada, tendo de suprir lacunas que deveriam ser supridas no seio da família, como construir conhecimentos na vida profissional.

Para Giacaglia, Penteadó (2002), existem diferentes objetivos a serem observados na construção ampla e dialogada da relação entre a família e a escola, de modo que ambas precisam contribuir para que o educando tenha uma educação pertinente, tanto no âmbito familiar quanto no escolar. Os mesmos autores ainda trazem a importância de contribuir e colaborar na integração escola, família e comunidade, de modo que ambos busquem o desenvolvimento e educação, propondo atitudes favoráveis, buscando transmitir e oferecer oportunidades para a participação da escola e da família juntos.

Tanto na família quanto na escola a criança aprende através de tentativas e até mesmo erros, “a criança aprende fazendo tentativas. Erros e acertos são fundamentais” (TIBA, 1996, p.61). Acertar e errar faz parte da construção de aprendizagem do ser humano, de modo que esses erros refletem buscar mais, para então encontrar o acerto. Neste processo é de suma importância que tanto a família quanto a escola se façam presentes, compreendendo e incentivando o crescimento para então encontrarem o acerto.

De acordo com Zagury (2005, p. 40) “o ser humano, por natureza, tem o desejo de sentir-se amado, aprovado, elogiado. Portanto, temos de aproveitar esse aspecto em prol da boa formação de nossas crianças”. O reconhecimento do aluno/filho é primordial para o desenvolvimento de sua aprendizagem. O ser humano por si só anseia por reconhecimento, o que reflete claramente de suas emoções.

Tiba (1996, p.153) afirma que “a autoestima permanece infantilizada”, sendo que se constitui na infância, buscando propor prazer e reconhecimento na evolução de conhecimentos. A autoestima deve sim ser construída tanto no âmbito familiar quanto escolar, mas de forma saudável, de modo que não haja falta de limites nem mesmo cause indisciplina. O diálogo entre família e escola é essencial para essa construção da autoestima da criança, onde as duas se alicerçam buscando compreender as necessidades.

A escola e a família têm papéis distintos na construção de aprendizagens, apesar disto ambas estão ligadas pelo fato de buscarem construir saberes, mesmo que em situações e

condições diferentes. Para Tiba (2011, p.103) “em qualquer ocasião, sempre há alguém ensinando e outro aprendendo, direta ou indiretamente”. Assim, a aprendizagem se remete a diferentes situações do dia a dia, podendo aderir-se a qualquer atividade, ocasião ou momento.

A aprendizagem também se alonga ao diálogo construído entre família e escola, onde se possibilita conhecer realidades diferentes, perceber singularidades. Assim, reuniões escolares, datas comemorativas, entre outros momentos que buscam unir escola e família são indispensáveis para fins de concretizar diálogo direto entre ambos, buscando melhor qualidade educacional.

Todas as abordagens presentes neste artigo baseiam-se em estudos teóricos, os quais servem de subsídio à continuidade da pesquisa, que buscará contato direto com algumas famílias da escola Novo Horizonte, onde o pesquisador visitará famílias e desenvolverá uma entrevista semiestruturada, aos professores envolvidos com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental sendo com questionário direcionado. A coleta dos dados será analisada e relacionada com as teorias estudadas, buscando compreender como e quando a família e/ou escola estão presentes em prol do desenvolvimento integral do filho/aluno.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros e Científicos Editora S. A. 1978.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília:

CURY, Augusto. **Pais brilhantes/ Professores fascinantes**. 6ªed. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

DONATELLI, Dante. **Quem me educa? A família e a escola diante da (in) disciplina**. São Paulo: Arx, 2004.

GIACAGLIA, A. R. Lia; PENTEADO, A. M. Wilma. **Orientação educacional na prática**. 4ªed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MISHNE, M. Judith. **A curva da aprendizagem: elevando a competência acadêmica e social**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PRIORE, D. Mary. **História da criança no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 1996.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996.

_____, Içami. **Pais e educadores de alta performance**. São Paulo: Integrare Editora, 2011.

_____, Içami. **Quem ama, educa!**. São Paulo: Editora Gente, 2002.

ZAGURY, Tania. **Limites sem trauma**. 69ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.